

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 19 de junho de 2019**

«Primeira meditação» e «Assembleia», em *J. Carrón, O que é que resiste ao impacto do tempo?*, pp. 17-36, pp. 64-82.

- *Tu sei venuto dal buio*
- *Favola*

Gloria

Gloria

“Eis o importante na vida: ter visto qualquer coisa, ter visto alguma vez uma coisa, ter ouvido uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer outra seja nada comparada com ela e ainda que nos esquecêssemos de tudo o resto, daquela nunca mais nos esqueceríamos”. (*S. Kieerkegard, Diário. I (1834-1849)*, Morcelliana, Brescia 1962, p. 239). O que é que nós vimos que nunca mais pudemos esquecer?

Comecei a ouvir falar do movimento quando comecei a trabalhar no hospital em 2011, antes, não o conhecia. Infelizmente, muitas vezes os comentários sobre o movimento eram negativos e, por isso, tinha dele uma ideia completamente errada, até que, no final de 2013, me apaixonei pelo meu atual marido, que pertence ao movimento desde sempre. E pensei: “se me apaixonei por este homem e se ele vem de uma história que é o movimento quer dizer que vi uma beleza que existe e que tem a ver com a sua história”! Já trabalhávamos juntos há um ano, mas não tinha dado por ele até que nos encontrámos verdadeiramente, isto é, quando vi nele um olhar sobre mim, como pessoa, que nunca tinha recebido. Em 2014, começámos a namorar e eu comecei a participar com ele na escola de comunidade, aceitando o seu convite com muita curiosidade. Percebi logo que havia qualquer coisa de belo, a seguir. Comecei a conhecer os seus amigos do movimento e também aqui notei uma beleza e profundidade nas relações que nunca tinha encontrado. Senti-me amada. O encontro com aquele seu olhar de bem sobre mim, foi para mim o encontro com Cristo, do qual nunca mais me afastei. Comecei a viver verdadeiramente, a viver profundamente cada coisa, a não me poupar, a interessar-me mais pelos outros, a não deixar passar nada e a deter-me nas coisas. Casámo-nos em 2016 e as nossas relações cresceram em quantidade e profundidade. Encontrámos novos amigos com quem é fundamental caminhar. Em 2017, nasceu o meu filho, o maior dom que Jesus nos deu. O seu nascimento trouxe consigo a minha doença, que ainda hoje estou a tratar. Uma contradição enorme entre alegria e dor. Tantas vezes me perguntei: porquê? Porquê a mim, a nós? Passado um ano e meio de tratamentos duros, sinto-me melhor e estou certa de que esta circunstância nos foi dada para crescer. Comovo-me ao pensar no olhar que o meu marido tem sobre mim. Comovo-me ao pensar no olhar que o meu filho tem sobre mim. Comovo-me, pensando nos nossos amigos que também caminham connosco nesta circunstância. Foi por esta comoção que decidi inscrever-me na Fraternidade.

Obrigada, caríssima. O último a chegar devolve-nos aquilo que encontrámos, ou seja, que o cristianismo não é uma doutrina a aplicar, regras a seguir, mas uma diversidade humana que

espanta e não nos deixa indiferentes. "Notei uma beleza e uma profundidade nas relações que nunca tinha encontrado". Um olhar sobre mim, desconhecido antes. Todos nos podemos identificar contigo na descrição do encontro com o movimento, com esta realidade humana na qual todos participamos. Por isso, como dissemos nos Exercícios, "O início de tudo foi "o encontro com um facto objetivo [...], cuja realidade existencial [...] é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com qualquer realidade integralmente humana." (p.19). Foi tão decisivo o que viste, que, como dizes, nunca mais te afastaste. "Comecei a viver verdadeiramente, a viver profundamente cada coisa, a não me poupar e a interessar-me pelos outros, a não deixar passar nada." Digo isto de novo, não simplesmente por uma repetição, mas pelo confronto que cada um de nós deve fazer com o contragolpe inicial que aconteceu com cada um de nós. Qualquer que seja a forma como o vivemos agora, o cristianismo é isto, esta experiência de crescer em tudo, até no modo de enfrentar a contradição da doença. Será sempre assim, quando acontece o cristianismo será sempre isto, um acontecimento. Depois, como vimos, podemos decair. Ao ouvir as palavras da nossa amiga, alguns poderão tê-las percebido como a história de uma coisa bela, mas do passado. Portanto, é preciso perceber bem porque é que, depois de se viver B, se volta para A. É importante ajudarmo-nos a perceber que não é simplesmente por causa de uma nossa fragilidade, porque essa fragilidade – que todos temos - não nos impediu de fazer aquela experiência absolutamente transtornante do início, que todos nós temos inscrita no nosso ADN para sempre. O nosso decair "não é por causa da nossa fragilidade", dissemos nos Exercícios, "mas por causa da falta de um reconhecimento." (p.26)

Conto-vos um facto que aconteceu na nossa Escola de Comunidade a respeito desta dinâmica que é descrita na primeira lição dos Exercícios da passagem de uma situação A, para B e depois o regresso, novamente, à situação A. Primeiro, quisemos saber se tínhamos dado por esta dinâmica na nossa semana. Fiquei muito impressionada com um amigo, que contou como, na semana anterior, sempre na Escola de Comunidade, tinha experimentado essa mudança de A para B. Em particular, disse-nos que foi à EdC, não interveio, mas quando uma rapariga fez uma pergunta sobre uma dificuldade que tinha ele sentiu-se completamente descrito nesta pergunta, encontrou-se na sua mesma dificuldade e posição. No diálogo juntos, naquela Escola de Comunidade, surgiu uma hipótese de um modo diferente de olhar para aquela situação, de encarar aquele momento de dificuldade. Esse amigo ficou muito impressionado por esta hipótese que surgiu, tanto que nos contava que, terminada a Escola, saiu totalmente diferente, em relação a como tinha entrado. "Terminada a EdC, estava mesmo curioso para ver o que aconteceria amanhã, o que me esperava na vida e o que eu poderia descobrir". Na sua intervenção continuou contou como, a partir daquele momento em que a mudança ocorreu, nas semanas seguintes tomou consciência de muitos factos - que nós descrevemos como pontos de luz- que aconteciam todos os dias. Acrescentou que se tinha dado conta que não bastava que existissem, mas tinha percebido que o que era mais útil para ele foi parar, à noite, e tomar tempo para e olhar para esses pontos um dia após outro. E foi exatamente isso que o ajudou a permanecer na situação B e acordar de manhã "sempre com aquela curiosidade com que acordei no dia seguinte àquela Escola de Comunidade".

É impressionante: uma pessoa chega à Escola de Comunidade e pode desencadear-se esta dinâmica que acabaste de descrever. Neste sentido, nós somos como os discípulos, que, estando com Jesus, viam acontecer uma vez após outra, estas coisas que agora acontecem na nossa comunidade, tão maltrapilha como queiram. Não estamos a falar de uma comunidade

diferente daquela que somos, aqui ou noutros lugares, daquela que todos conhecemos, com todos os seus limites possíveis e imagináveis; mas nada de toda esta nossa fragilidade ou debilidade, pode impedir de viver assim! O teu amigo reconheceu qualquer coisa numa rapariga que falava porque viu encarnada nela uma hipótese diferente que o fez mudar, fê-lo sair diferente da Escola de Comunidade. Qual foi o método que ele aprendeu na Escola de Comunidade, e como é que se viu que ele o aprendeu? Primeiro: saiu mudado e começou a ver. A mudança não consistiu, em primeiro lugar, no facto de que antes errava e agora faz as coisas bem, mas no facto que começou a ver, a ver pontos de luz, e não pôde evitar que isto se tornasse, cada vez mais, uma modalidade de viver, de tal modo que se detinha à noite a olhar os pontos de luz do dia. E o que é que significa olhar aqueles pontos de luz que continuam a acontecer? Significa fazer memória, que não é uma recordação do passado, mas um reconhecimento dos factos que Ele faz acontecer. Só se uma pessoa se detém para fazer tesouro destes factos, então não pode evitar levantar-se de manhã - como sempre que acontece uma coisa bela na vida, - com Ele no olhar. Se uma pessoa se apaixona, como é que se vê que aconteceu alguma coisa de significativo? Uma pessoa pode imaginar que se levanta de manhã sem que a primeira coisa que lhe vem à cabeça seja aquele acontecimento? É impossível! Não porque “tem que” o fazer, mas porque é uma coisa que não pode evitar. Então, a memória é olhar uma novidade que acontece, não simplesmente fazer o elenco das coisas que estão mal, mas olhar aquilo que está a acontecer e que documenta, como cantávamos antes, que não estamos sozinhos, que Ele está em ação no meio de nós. Como me dizia um pai, quando a filha lhe falou sobre a vocação (tinha começado o noviciado nos *Memoires Domini*: ficou tão transtornado que não pôde deixar de lhe dizer: “se tu escolheste esta estrada quer dizer que estou a perder alguma coisa que não estou a ver.” E desde então, começou a olhar para aquilo que a filha vivia. Uma frase assim dá-nos de novo a nós todos a possibilidade de olhar aquilo que aquele pai estava a olhar e que tantas vezes nos escapa das mãos. Por isso, dissemos nos Exercícios “não basta que o facto aconteça. Precisamos de perceber o seu significado” (p. 21). Dizíamos: “A questão é dar-mo-nos conta do conteúdo e da origem da diferença em que embatemos e graças à qual estamos aqui. Talvez noutros momentos [da história, menos desafiadores para a fé] pudéssemos termo-nos safado sem chegar a este ponto, sem a necessidade de reconhecer a natureza desta evidência inatacável que entrou na nossa vida, mas no caos de hoje, em que tudo está em discussão [como tantas vezes vemos acontecer também em nós mesmos], não conseguiremos permanecer cristãos por muito tempo, a não ser por uma evidência reconhecida no seu significado permanente “ (p. 26), ou seja, se não nos damos tempo para reconhecer o conteúdo e a origem do que aconteceu, para dele fazer memória. Não é imediato apreender o que é que significa este “dar-se conta” como me pergunta uma pessoa: “O que é que significa descobrir o sentido daquilo que me aconteceu? Porque eu quero perceber, eu quero intercalar na minha vida aquilo que *don* Giussani percebeu através do episódio da *Favorita*, porque tenho vontade de dizer que ele tinha uma sensibilidade grande e eu não tenho!” Mas então, o que temos estado a dizer só é válido para *don* Giussani? Para os pobres coitados como nós, isto é impossível? É só um problema de sensibilidade?

Ao ler de novo as tuas palavras, a primeira coisa que surgiu em mim foi perguntar-me: o que é que na minha vida, resistiu, resiste ao longo do tempo? Existe? Eu, que, por natureza, sou uma pessoa que fica irritada, e se cansa das coisas rapidamente... quantas coisas comecei na minha vida das quais depois desisti... Seria ingénuo não ver que muitas coisas, mesmo as muito fascinantes, tinham um prazo de validade para mim, coisas que eu achava

que eram indispensáveis. Percebo, no entanto, que em mim há também algo diferente, "algo" aconteceu que tem uma natureza diferente, imprimiu um timbre que me mudou, mudou os meus termos. "Como é que aderimos, nos apegamos àquele encontro que, em última instância, nos trouxe aqui hoje? [...] Pela experiência de uma correspondência incomparável com as exigências profundas do nosso coração" p.25). É isto: é como se minha vida fosse condensada nestas palavras: o vínculo baseia-se nesta experiência avassaladora: "Encontrando Cristo descobri-me homem" (Mario Vittorino), essa foi a experiência vital dessa correspondência profunda. Esta experiência foi e é inconfundível e é como se, com o passar do tempo, isto tivesse dado origem à percepção de que, fora desta correspondência, tudo de mim é sub-humano. É como se, dentro de todas as vicissitudes da vida, isto se tornasse cada vez mais uma experiência inconfundível. E quando tu dizes: passamos de A para B ... se penso em mim mesma, vejo que o regresso a A acontece inúmeras vezes, mas só em termos éticos, porque no fundo esse vínculo entre mim e essa presença misteriosa não foi obscurecido. É algo tão constitutivo, que seria como pensar em ter um bolo à nossa frente e querer voltar aos ingredientes individuais: já não é possível. "É precisamente porque não nos damos conta desta «qualquer coisa» – que tem a marca inconfundível da verdade – que voltamos a A depois de termos visto B: não é por causa da nossa fragilidade, mas por causa da falta de um reconhecimento. Aqui, a nossa fragilidade não tem nada a ver. Aquilo que eu apresentei não é um problema de coerência ética, é um problema de razão, de simplicidade de coração. «É em ti que as coisas devem ser claras»" (p. 26). Se eu olho para mim enquanto vivo, não é que eu pense intensamente em como fazer entrar o encontro com Cristo com a minha vida ou como manter o fascínio de B. Não sei explicar de forma diferente, mas enquanto vivo, nas relações, nas coisas que acontecem é como se o termo de comparação de tudo fosse essa correspondência, que é um ponto de não retorno. Tudo isto não se passa sem drama, não é um dado de facto e pronto, porque a história que aconteceu com a minha vida gradualmente tornou cada vez mais familiar. O que eu vivo não questiona esta experiência, mas é esta experiência que me faz entrar em tudo e viver o que eu vivo. Para mim, o problema de não perder, ou de que as coisas não acabem, é exasperado na experiência afetiva. Mas eu não posso deixar de reconhecer isto: que quando eu realmente amo, quando eu realmente me vinculo é porque o que eu amo em primeiro lugar desperta em mim um fascínio e um interesse, liga-me, mas o que imprime em mim o caráter de 'para sempre' é o tornar-se carne desta correspondência. É por isso que, quanto mais eu amo, (isto é, quanto mais se torna carne naquela pessoa a experiência da correspondência) mais perco a ansiedade e o desespero de perder. Quanto mais eu amo, tanto mais a presença dessa pessoa se torna eu, e faço a experiência de respirar, de paz. E a minha luta, a minha agonia, na distância ou no sacrifício, tem de confrontar-se com esta experiência inconfundível. Aqui, porém, eu gostaria de pedir uma ajuda para poder entrar um bocadinho mais nisto... Eu sinto a separação, sinto a falta até à escuridão, mas não posso deixar de notar que eu hoje olho, toco, penso dentro da relação com aquela Presença, que vive dentro do tempo e do espaço da minha vida. Quanto mais eu amo, mais posso dizer a uma pessoa: "eu não posso viver sem ti". E é só por isto que estou disposta a largar, a não viver no terror de perder.

Aquilo que nos torna cada vez mais certos de que vimos uma coisa tão grande, tão magnífica, que qualquer coisa, qualquer outra é nada em comparação com ela, e que não podemos esquecer mais, é viver; como disseste, é vivendo que vemos o que é que resiste ao impacto do tempo, se a coisa encontrada permanece. Não porque eu seja melhor, mas por aquele vínculo profundo entre mim e esta misteriosa presença de que eu fiz experiência. É na vida que se vê verdadeiramente a diversidade, como às vezes nos demonstram pessoas que, depois

de se terem afastado durante anos do movimento, voltam pela nostalgia de qualquer coisa que os marcou para sempre. E esta é a prova provada de que o facto do início permanece. Por isso é muito importante e decisivo, que nós possamos atravessar todas estas vicissitudes históricas para ver o que resiste. Por isso digo que temos sorte em viver nesta época, em que nada resiste, e também Cristo parece ser uma das coisas que não resistem. É aqui nesta nossa época, que cada um é desafiado a ver que experiência faz, não a experiência da sua capacidade, mas de um ponto de não retorno, de qualquer coisa que não podemos tirar de nós. Só isto permite à nossa amiga olhar tudo, mesmo aquilo que ela pensava perder, com esta paz última que Cristo introduz na vida. Não é que te falte só quando se afasta de ti, amiga, falta-te quando está presente! Como já disse noutras alturas, espanta-me que Jesus tenha dito aos seus discípulos: "Quem acredita em Mim [e Ele estava diante deles], não acredita em Mim; mas naquele [o Pai] que me enviou" (Jo 12, 44). A própria Presença de Cristo presente remete para Outro. Se nós nos damos conta de que isto é crucial para definir a natureza daquilo que nos aconteceu então podemos verdadeiramente não ter medo de perder nada. Alguém o descobriu?

Há cerca de duas semanas recebi algumas propostas muito bonitas. Tenho de dizer que quando me convidam de algum lado para contar alguma coisa ou conhecer pessoas novas fico sempre contentíssimo. Mas, desta vez, tinha de fazer contas com aquilo que agora me é pedido, ou seja, o último exame, a tese, etc. ... e estava na dúvida se devia ou não aceitar estes convites. Uma noite estava contigo e então aproveitei e perguntei-te: "Como fazes para escolher?" Estava à espera que tu me disseses o que é que eu devia fazer. Pelo contrário, o que aconteceu foi maior do que a respóstinha. Disseste-me duas coisas que me abismaram. A primeira é: "Quando acontecem estas 'sobreposições' tens de saber que nunca acontecem por acaso, mas são a ocasião para tu redescobrires o que é a vocação, a Quem tens de dizer 'sim' agora." A segunda é que, falando de ti, disseste-me: "Dizer que não a tantos convites que me chegam, para mim é um esforço, o sacrifício para mim muitas vezes é dizer que não, mas o ponto é olhar como o Mistério se põe à tua frente porque é a Ele que é preciso dizer que sim. Fiquei impressionado porque tinha diante um homem que não pressupunha Cristo como último passo (como diz também a Escola de Comunidade.): "Ah sim, sim, organizo tudo, enquadrado tudo e depois está Ele". Mas, como nos disseste, eu antepunha-o. Dizias-nos: "Não pressupô-lo mas antepô-lo! (H.U. von Balthasar, citado in Bento XVI, "«O escândalo dos abusos. Por onde pode recomeçar a Igreja», III, 1, corriere.it, 11 aprile 2019). Era o teu ponto de partida: observar como o Mistério se põe à tua frente. Foi fácil reconhecê-Lo ali. Aquele encontro escancarou-me os olhos. No dia a seguir, retomei as mesmas coisas de sempre, como fazer a tese, que agora me pede que vá para ao laboratório, mas acordava diferente de manhã. Que abismo acordar de manhã com a consciência que ir ao laboratório obedecendo ao professor é a maneira com que respondo ao que o Senhor me está a dar. Antes ia para o laboratório porque "tinha de fazer a tese", "tenho que acabar a licenciatura". Muito simples! Agora é a modalidade com que o Mistério está a vir ao meu encontro. Mas isto só é evidente graças àquilo que aconteceu segunda-feira contigo: acontece uma Presença que me lembra quem sou, que não sou feito para arrumar tudo com as minhas estratégias, mas para dizer sim, para obedecer-Lhe a Ele. É mesmo verdade que a primeira coisa de que tenho necessidade não é de enquadrar as coisas, mas de encontrar uma vida que me escancara os olhos (como dizia o manifesto sobre as eleições), encontrar continuamente uma Presença que me abre os olhos e que até diante de certas decisões, mais ou menos importantes (como aquelas que tenho de tomar), te põe numa posição, numa

atitude de clareza sobre onde é que o Mistério me está a chamar.

A questão é se aquilo que nós vivemos - as coisas normais da vida -, é simplesmente uma coisa que “tenho que” fazer. Era o que tu dizias: antes, a tua atitude era ditada por ter que fazer as coisas. Agora, cada coisa é a ocasião através da qual “o Mistério está a vir ao meu encontro”. Agora para ti é evidente que acontece uma Presença que te está a chamar. Como *don* Giussani sempre nos explicou, a vida é vocação, resposta a Alguém que te chama através de uma determinada circunstância. Como é diferente suportar a vida, suportar as circunstâncias, suportar ser fiel àquilo que uma pessoa tem que fazer, ou responder a Alguém presente, que te chama, não de forma genérica, mas de forma pontual, concretíssima! Como me contava recentemente um jovem pai às voltas com a filha que o chama para as coisas mais particulares: “Isto começa a dar àquilo que nós vivemos uma espessura que torna tudo diferente, porque eu começo a perceber o que é que quer dizer reconhecer, o que é que quer dizer dar-se conta.” Dar-se conta e reconhecer, não são verdadeiros se não chegam até Ele. É uma coisa da qual não podemos voltar atrás. Mas quando nos acontece decair, quando passamos de B para A por uma falta de reconhecimento, o que é que nos permite voltar,

Cada vez com mais frequência, neste período, sinto em mim a impressão, a sensação de que tudo me escorrega das mãos, que tudo deve passar, permanecendo apegado, - e para mim já é muito -, só ao fino fio da memória. Mas neste período percebi que isso não é verdade, que esta impressão não é a verdade.

É preciso olhar, porque tantas vezes, sucumbimos à impressão que temos das coisas como se fosse a verdade, mas não é.

Em particular, estou a pensar no período da campanha eleitoral, para as eleições universitárias, com o frenesim dos dias, o redemoinho de todas as coisas para fazer. Parecia-me que no fundo não ficava nada nas minhas mãos. Impressionou-me, num desses dias, um amigo, (chama-se Luca), que tinha ido visitar universitários de outra cidade e voltou comovido e mudado por aquilo que tinha visto, entusiasmado, fervilhante de uma vida, de uma vivacidade que me investiu, que me mudou. Daqueles dias da campanha, não me lembro de quase nada, mas não consigo esquecer o encontro com ele. Quando te contei, tu disseste-me: "Vês? Todas as distorções do mundo que nos rodeia, o esquecimento, a distração, a redução, tudo isto também é nosso. Mas cada um tem sempre o seu Luca que volta para o encontrar". Esta frase: "Cada um tem sempre o seu Luca que volta para o encontrar" ficou-me esculpida no coração. Depois das eleições, a vida voltou ao normal, e lentamente também aquele encontro tão forte parecia uma bela lembrança, incapaz de mudar, de me mudar agora. Pensei: "Estou outra vez a ficar cínico como antes". Mas no dia seguinte a um encontro contigo, a que eu cheguei imergido nestes pensamentos, foi simples recomeçar. Bastou seguir aquelas pessoas, aqueles amigos que, com a sua presença - com a sua própria presença, não com muitas palavras - faziam-me fazer este trabalho, provocavam-me a este trabalho. O trabalho que nos fazes fazer, o trabalho de olhar os pontos de luz. E aí tudo recomeçou. Comecei a dar-me conta que não passa um dia sem que o “Luca”, o meu “Luca”, volte para me encontrar, que evidentemente não é sempre o mesmo amigo, é um rosto sempre novo, um amigo diferente, um episódio diferente; mas de todos os dias posso contar pelo menos um instante no qual fui novamente resgatado. Na semana passada, fui alguns dias estudar com finalistas do liceu; no último dia, um rapaz disse-me: “Eu sou de poucas palavras, mas quero dizer-te uma coisa: o que me impressionou em vocês universitários que vieram para estar connosco foi a vossa radicalidade em tudo. Radicalidade, ou seja, que aquilo que encontraram pôs raízes em vocês”. Fui dormir, depois

deste breve diálogo, mas não conseguia adormecer porque pensava: "Bolas, eu sou o primeiro a perceber todo o esquecimento, os erros, as distrações, e, no entanto, já não consigo arrancar de mim este encontro, esta companhia que todos os dias me alcança", que um dia é o Luca, outro dia, é outro. E comecei também a perceber mais quando no Início de Ano, Giussani falava do acontecimento, que não é uma palavra, um discurso, um gesto, mas um todo, um conjunto, e como começa a esperança a estar em nós, isto é, que nós, por muito mesquinhos, temos dentro uma novidade que não conseguimos arrancar de nós. As palavras ouvidas a Giussani são agora um pouco mais minhas, depois desta contínua sucessão insistente de factos, de coisas que dentro da vida de todos os dias continuam a acontecer.

Depois de um ano, no final do ano, uma pessoa pode perceber com ainda mais clareza a verdade da proposta da jornada de início de ano. Espanta-me que um rapaz como tu, depois do percurso do ano, acabe por reconhecer mais, exatamente pelas raízes que afundaram no teu ser, a verdade daquelas palavras. "As palavras ouvidas a Giussani são agora um pouco mais minhas" tornaram-se tuas e então percebeste o alcance da esperança que está em ti. O contrário de fugir de ti, de desaparecer do horizonte da vida! Aquelas palavras enraizaram-se em ti, ao ponto de poderes dizer: "já não posso arrancar de mim este encontro". Mais alguém se deu conta que estas palavras do Início de Ano se tinham tornado suas?

Há umas semanas, aconteceu uma coisa que me doeu muito e no dia seguinte tinha que ir para a universidade, e estava na cama e tinha zero vontade de me levantar e percebi que quanto mais eu pensava assim, que não me apetecia ir e tudo o mais, mais triste ficava e mais nascia em mim a urgência de me agarrar ao que existia, com a esperança que naquele dia pudesse acontecer alguma coisa para mim. Este foi o meu primeiro vislumbre, ou seja, o desejo que mesmo naquela manhã pudesse acontecer alguma coisa na minha vida. Fui para a universidade e tinha uma cara que se via que não estava contente. Naquele dia, tinha uma reunião, e assim contei aos meus amigos as coisas que vos estou a contar. Depois da reunião uma amiga minha disse-me: "Eu não sei se tu notaste, mas a maneira como trabalhamos hoje foi ditada pelo facto de que estavas assim; não é o teu estado de espírito que me impressiona, mas para onde estás a olhar, porque é o que eu quero seguir". Eu disse para mim mesmo: " Não sou eu, é qualquer coisa de outro que acontece em mim e nestes rostos". E perguntei-me: " O que é que este juízo trouxe à minha vida? Nestes dias, ao ler a Escola de Comunidade, fiquei comovido quando a certa altura diz: «Nós arriscamo-nos a viver uma graça tão grande como esta casa [como esta companhia], supondo o último passo [...], admitindo o último passo, reconhecendo o último passo, que é para Cristo, mas não vivendo-o [...]. Vocês podem viver a vossa companhia de um modo tal que vocês são simpáticos uns com os outros, atentos uns com os outros, que gostam de poder viver num âmbito assim". (p. 31) Também eu muitas vezes digo: "Estou bem aqui, tenho os meus amigos", estou contente, e tudo o resto, mas desde que aconteceu aquele facto, desde quando aquela amiga me fez perceber o motivo adequado, o fator verdadeiro que, antes de tudo, nos uniu, percebi qual é a luta entre viver para Cristo e afirmar que Jesus está presente aqui. Porque quanto mais eu fico preso na minha cabeça, nos meus sentimentos, mais me enterro, e ao invés, quanto mais eu acompanho essa urgência de vida que tenho mais percebo quem são meus amigos. Parece-me que posso dizer que para mim ter claro o juízo de que Ele está entre nós não é apenas um pensamento, mas é uma coisa dentro de mim que me faz viver. Esta urgência de vida, de estar apegado a isto, faz-me mover de um determinado modo e não ficar parado nos meus pensamentos.

Qual foi a reviravolta para ti, antes de qualquer outra coisa que acontecesse, quando ainda

estavas na cama sem vontade de te levatares? Porque é que podemos reconhecer que aquilo que te aconteceu tem raízes mesmo quando tens “zero vontade” de te levantar? Para o perceber devemos olhar para ali: exatamente quando parecia que não tinha ficado nada, tu falaste de um vislumbre que te fez levantar. Nesta época de niilismo em que vivemos, em que parece que tudo desaparece e falha também em nós, devagarinho começa a radicar-se em nós, como estamos a ver, alguma coisa que resiste a qualquer passar do tempo: uma lealdade última com aquele vislumbre. Este vislumbre introduz uma luta pela qual, mesmo se tens “zero vontade” de te levatares, saís da cama; e quando chegas à reunião, todos se espantam com o que acontece: tudo mudou por causa da tua atitude. E isto é o que nos diz *don* Giussani: nós arriscamo-nos a viver uma graça tão grande, uma maneira de estar juntos tão única, sem nos darmos verdadeiramente conta, como que “supondo o último passo, [...] admitindo o último passo, [não é que o neguemos, mas damo-lo por adquirido], que é para Cristo, mas não vivendo-o [como presente]. Se nós não chegamos a este reconhecimento, e a este espanto - por aquilo que a rapariga viu em ti quando o teu ânimo estava abaixo de zero-, nós perdemos a realidade, porque não percebemos aquele aspeto último da realidade que a torna completamente diferente. Tendo dado crédito àquele vislumbre, mesmo e precisamente quando estavas na escuridão, tu pudeste ver o que aconteceu. Só quem dá crédito a este vislumbre pode verificar o que lhe acontece. A luta produz-se dentro de nós, entre mim e mim, entre reconhecer este vislumbre que, mesmo no nosso nada, permanece, ou abandonarmo-nos ao nada. Este vislumbre é o sinal da Sua vitória, que tem a raiz na profundidade de nós mesmos, e que ninguém no-la pode arrancar de dentro, nem mesmo nestes tempos. Assim damo-nos conta da graça que nos aconteceu. Mas podemos nem sequer dar-nos conta, pensando que a nós não aconteceu e não acontece nada. Mas chega sempre alguém que nos torna consciente do que nos aconteceu.

Nunca tive muito a ver com a Igreja. Até 2008. Porque nesse verão chegou um padre novo à minha terra, que parecia diferente dos outros. A casa paroquial estava sempre fechada até então, e começou a ser frequentada por jovens que cantavam, faziam jogos, liam, estavam juntos. Como o meu filho tinha que se preparar para o Crisma, também eu, por curiosidade, comecei a lá ir. Naquela terrinha, onde “nunca acontece nada” e “toda a gente se conhece”, tinha chegado qualquer coisa de desconcertante. Seguindo aquele padre, a minha vida e a da minha mulher, mudou completamente. O encontro com uma companhia de amigos, que com o tempo foi crescendo, acompanhou-me nos últimos dez anos através das vicissitudes, felizes ou difíceis, da vida. Hoje, a comunidade a que pertenço é muito viva, mas às vezes sinto-me um bocado desconfortável: todos têm episódios para contar, todos partilham a surpresa do acontecer de Cristo no seu dia, nas coisas pequenas e grandes que sucedem. E a mim, pelo menos era o que me parecia, nunca acontecia nada! Estes pensamentos não me saíam da cabeça, até àquela “fatídica” sexta-feira de março. Nesse dia saí mais cedo do trabalho. É um pormenor que não vale por si mesmo, mas é claro para mim que a série de factos, aparentemente casuais, que me guiaram naquele dia extraordinário foi querida por um Outro. Saí da fábrica e decidi dar um passeio até um santuário mariano, cerca de 50 minutos de caminho. Durante o trajeto, chega a enésima mensagem do grupo WhatsApp em que alguém conta qualquer coisa que lhe tinha acontecido. E eu não sabia o que responder. Quando cheguei à esplanada do Santuário vi um carro branco, com bom aspeto. E uma única pessoa, parada, diante do parapeito, debruçada no miradouro do lago. Pareceu-me, à primeira vista, um tipo um bocado estranho, mas fui ao seu encontro e passando ao pé dele, disse-lhe: “Boa tarde”. E segui. Parei um minuto diante da igreja àquela hora

infelizmente já estava fechada, e encaminhei-me para a estrada de regresso, mas aquele rapaz que eu tinha cumprimentado com reserva, aproximou-se. Pensei: "Mas o que é que este quer agora?". O rapaz diz-me: "Desculpe maçá-lo, queria agradecer-lhe. Vim aqui com a ideia de acabar com tudo, de atirar-me daqui abaixo, mas a sua saudação e o seu olhar detiveram-me. Nunca vi ninguém saudar-me assim. Salvou-me a vida. Posso dar-lhe um abraço?" E abraçamo-nos no meio daquela esplanada. Fiquei petrificado. E pensar que a mim "nunca me acontecia nada". O que é que eu tinha no olhar e nos olhos, sem sequer me dar conta? O que é que terá intercetado desde aquele rapaz, que estava tão urgentemente marcado pela sua grande necessidade? Desde aquele dia começou a dar-se comigo e com os meus amigos. Sentia-se um "falhado". Mas aquele olhar e aquela saudação, sabe-se lá como e porquê, fizeram-no intuir que podia haver uma esperança. Inimaginável. O encontro com ele foi para mim um verdadeiro choque. Foi como tomar consciência do alcance enorme daquilo que tinha encontrado anos antes, também inesperadamente. Um acontecimento, não sucedido há muito tempo, mas que continua a acontecer agora, quando menos esperas.

A ti nunca acontecia nada! "A mim nunca acontece nada!" Esta é a impressão que temos tantas vezes, apesar do encontro que fizemos. O que é que trazias no olhar, sem sequer te dares conta, que deu de novo a esperança a uma pessoa que queria acabar com a vida? O que o Mistério faz com o nosso sim só o descobrimos, amigo, dentro das circunstâncias. A nós é-nos devolvida a consciência do que trazemos, daquilo que Cristo introduziu na vida, quando nos acontecem coisas deste tipo. O que te aconteceu a ti é para todos nós, para que possamos ser facilitados a reconhecer Aquele que nos aconteceu, como disseste, "Um acontecimento, não sucedido há muito tempo, mas que continua a acontecer agora, quando menos esperas".

O verão é uma ocasião privilegiada para ver como é que o Mistério poderá surpreender-nos, como vai Ele responder à pergunta: "O que é que resiste ao impacto do tempo?"

E em setembro contamos uns aos outros.

O trabalho de Escola de Comunidade vai continuar durante o verão sobre o texto dos Exercícios da Fraternidade.

- Até ao fim de julho continuamos o trabalho sobre a primeira lição (páginas 17-36) e as partes da Assembleia correspondentes aos temas da primeira lição;

- Nos meses de agosto e setembro trabalhamos sobre a segunda lição (páginas 42-63) e as partes da Assembleia correspondentes aos temas da segunda lição.

Férias Comunitárias: O tema que propomos para as férias é "*O caminho para a verdade é uma experiência*". Com este título, queremos sublinhar que a originalidade do movimento é o método que vimos e documentámos esta noite. Não uma repetição de palavras, mas uma experiência que nos introduz ao verdadeiro significado das palavras, até que as palavras se tornam nossas, até que se enraízam profundamente nas nossas entranhas, e tudo muda. Por isso, queremos que o verão, as nossas férias, possam ajudar a dar-mo-nos conta do método que nos permite descobrir o verdadeiro, fazendo-o tornar-se meu: uma experiência que me faz crescer.

Visitar o site do Movimento e ler a Passos é, sobretudo, pelo desejo de ver os factos, os sinais da Sua Presença, que age dentro da história, dentro da nossa companhia e dentro da realidade. Eu desejo que todos nós não nos habituemos a ouvir o que ouvimos esta noite; se, só por uma saudação cheia daquela comoção que Cristo introduziu na história, uma pessoa recuperou a esperança, imaginem nós, que ouvimos estas coisas de cada vez que nos vemos. É preciso

um trabalho para que isto não se torne num hábito, ou seja simplesmente algo já sabido; é preciso um reconhecimento, porque para dar razão de cada um destes factos, é preciso que o Verbo se tenha feito carne e continue a habitar no meio de nós. Não é o resultado de uma estratégia ou qualquer coisa que nós produzimos. Nada do que nós ouvimos foi produzido pelas nossas energias. Não é seguramente para dizer que somos ótimos que lemos certas coisas na Passos, mas para vermos a Sua ação como única resposta ao pessimismo que avança na sociedade e tantas vezes em nós.

O Meeting de Rimini este ano faz 40 anos. Terá lugar de domingo 18 a sábado 24 de agosto e vai ter como título: “*Nasceu o teu nome daquilo que olhavas*”. O que ouvimos esta noite é uma bela documentação disto: nós somos aquilo que os nossos olhos fixam.

É a nossa presença que faz o Meeting e o torna lugar de encontro, para as mais diversas personalidades e experiências que indo lá se sentem em casa. Cada um se pergunte: “Como contribuo eu para construir este lugar? Que experiência faço participando no Meeting?” Uma das modalidades é o trabalho voluntário. São precisos ainda adultos durante a semana do Meeting e para a desmontagem. Para os que estão disponíveis para este trabalho voluntário, o prazo foi prorrogado até 30 de junho,

A Jornada de Início de Ano terá lugar em Milão, no sábado, 28 de setembro, com ligação a muitas cidades da Lombardia e de Itália.

Veni, Sancte Spiritus

Bom Verão a todos!